

INSIGHTS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA NASALIDADE EM FRANCÊS E PORTUGUÊS A PARTIR DE DADOS DE ESCRITA

Claudia Regina Minossi ROMBALDI¹

Ana Ruth Moresco MIRANDA²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i2.3541>

Resumo: Neste artigo são exploradas conexões entre grafias não convencionais e conhecimentos linguísticos acerca da fonologia de vogais seguidas de nasais em posição medial, por brasileiros e franceses. Parte-se da hipótese de que a aquisição de um sistema alfabético de escrita como o do Português Brasileiro e o do Francês *Standard* pode promover ajustes nas representações fonológicas de vogais em contexto de nasalização. Os *corpora* são compostos por grafias não convencionais de crianças monolíngues brasileiras e francesas; e de brasileiros adultos aprendizes de Francês Língua Estrangeira. Os dados analisados mostram que, no período inicial de contato com a escrita, as crianças brasileiras tendem a ajustar a representação de /ṽ/ para /VN/, em decorrência de seus avanços com as práticas escritas. Já as crianças francesas dão indícios de partirem de estruturas /VN/ desde seus contatos iniciais com o sistema de escrita do francês. Os brasileiros aprendizes de Francês Língua Estrangeira, por seu turno, iniciam seus contatos com a escrita da Língua Estrangeira, representando a nasalidade por /VN/, possivelmente por terem passado pelo reajuste de /ṽ/ para /VN/, quando da aquisição do sistema de escrita da Língua Materna.

Palavras-chave: Nasalidade fonológica. Vogais em contexto de nasalização. Grafias não convencionais. Reestruturação.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Pelotas - Visconde da Graça, Rio Grande do Sul, Brasil; professoraclaudiarombaldi@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3405-1378>

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; anaruthmiranda@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-1380-5751>

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

INSIGHTS ON THE REPRESENTATION OF NASALITY IN FRENCH AND PORTUGUESE FROM WRITING DATA

Abstract: This paper explores connections between unconventional spellings and linguistic knowledge about the phonology of vowels followed by nasals in medial position by Brazilian and French speakers. It starts with the hypothesis that the acquisition of an alphabetic writing system such as Brazilian Portuguese and Standard French can promote adjustments in the phonological representations of vowels in the context of nasalization. The corpora are composed of unconventional spellings of Brazilian and French monolingual children, and Brazilian adult learners of French as a Foreign Language. The analyzed data show that, in the initial period of contact with writing, Brazilian children tend to adjust the representation of /*ĩ*/ to /*VN*/, as a result of their advances in writing practices. French children, on the other hand, show signs of starting from /*VN*/ structures since their initial contact with the French writing system. Brazilian learners of French as a Foreign Language, on the other hand, begin their contact with the writing of the Foreign Language, representing nasality by /*VN*/, possibly because they went through the readjustment of /*ĩ*/ to /*VN*/, when the writing system of the mother tongue was acquired.

Keywords: Phonological nasality. Vowels in nasalization context. Unconventional spellings. Restructuring.

Introdução

A nasalidade em vogais no Português Brasileiro (doravante PB) e no Francês *Standard* (doravante FS) é um tema instigante e complexo, tanto em relação à fonologia, como no que se refere à aquisição da escrita por brasileiros e franceses.

A discussão em fonologia centra-se no debate concernente à existência ou não de vogais nasais nas línguas alvo, quando o tema é a nasalidade fonológica. As propostas para o português embasam-se em dois argumentos divergentes quanto à interpretação: as que propõem presença de vogal nasal pura – monossegmental /*ĩ*/ (Pontes, 1972) para o PB (Costa; Freitas, 2001) e para o Português Europeu (doravante PE); e as que propõem constituição bissegmental, sendo a nasalidade resultante de um grupo formado por vogal oral mais elemento consonântico nasal, /*VN*/ (Camara Jr., 1970; Bisol, 2002).

De maneira semelhante, questões levantadas por estudos sobre a aquisição fonológica, como os de Freitas (1997) para o PE e os de Miranda (2009) para o PB, colocam em dúvida a estrutura bifonêmica da nasalidade para as crianças. Tendo-se em vista que a aquisição da escrita é parte integrante do processo de aquisição da linguagem, também

nesse campo, as discussões sobre a nasalidade das vogais e seu estatuto fonológico suscitam interesse para a pesquisa. Há consenso entre os estudiosos de que o registro gráfico da nasalidade fonológica impõe dificuldades para crianças brasileiras e francesas ao chegarem no nível alfabético da escrita, pois reflete uma potencial assimetria entre o conhecimento fonológico infantil e a representação ortográfica da nasalidade no sistema de escrita (Abaurre, 1988; Miranda, 2009, 2011, 2018; Pothier, 2004).

A complexidade supramencionada, em torno da aquisição escrita e da fonologia das vogais em foco, inspira este artigo, cujo objetivo é o de analisar dados de escrita não convencionais³, relativos ao registro de vogais em contexto de nasalização fonológica, produzidos por crianças monolíngues brasileiras e francesas, em aquisição da escrita da Língua Materna (doravante LM) e por falantes nativos de PB em aquisição do Francês Língua Estrangeira (doravante FLE). Pretende-se retomar a discussão sobre o estatuto da nasalidade, a partir de evidências extraídas de escritas iniciais, a fim de discutir a proposição de que durante a aquisição de um sistema alfabético de escrita, como o do PB e o do FS, podem ocorrer ajustes nas representações fonológicas.

Se os estudos sobre aquisição da fonologia apontam para a existência de vogais nasais na gramática sonora de crianças falantes do português, como defendem Freitas (1997) e Miranda (2009), ou seja, estruturas monossegmentais /*ñ*/, as quais estariam disponíveis às crianças no início da aquisição do sistema alfabético de escrita, pode-se postular que, com os avanços das práticas escolares, tendo em vista a configuração ortográfica da nasalidade, isto é, uma vogal seguida de uma nasal <m> ou <n>, as representações infantis estariam suscetíveis a ajustes em direção a estruturas bissegmentais /*VN*/. No que diz respeito aos dados de FS, tendo-se em conta que a discussão sobre a representação fonológica da nasalidade é tema de debates em estudos da fonologia francesa (Shane, 1970; Tranel, 1987), os dados de escrita inicial das crianças francesas são também analisados com o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre a nasalidade naquele sistema.

Feitas essas considerações, apresentam-se, a seguir, aspectos da literatura sobre a fonologia e o registro gráfico de vogais seguidas de nasais, no PB e no FS, os quais orientarão a interpretação dos dados.

3 As grafias não convencionais são aqui entendidas como parte integrante e imprescindível ao processo de aprendizagem e, sobretudo, como o dado revelador das concepções dos alunos a respeito de seu sistema linguístico. Acredita-se que as grafias não convencionais possam fornecer pistas a respeito da representação fonológica dos segmentos, bem como da maneira como os alunos, se apropriam, paulatinamente, das formas gráficas convencionais da sua LM (Abaurre, 1991; Kato *et al.* 1997; Rombaldi, 2017; Miranda, 2020).

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

A nasalidade vocálica no PB e no FS

De acordo com a análise estruturalista de Camara Jr. (2006 [1970]), a nasalidade muda significado, tanto no PB quanto no FS, conforme se observam nos exemplos apresentados em (1) e (2).

(1) no PB

lido /lido/ vs. *lindo* /liNdo/

mudo /mudo/ vs. *munido* /muNdo/

cata /kata/ vs. *canta* /kaNta/

(2) no FS

orange /ɔʁɑ̃ʒ/ 'tempestade' vs. *orange* /ɔʁɑ̃ʒ/ 'laranja'

mode /mɔd/ 'moda' vs. *monde* /mɔ̃d/ 'mundo'

paître /pɛtʁ/ 'pastor' vs. *peintre* /pɛ̃tʁ/ 'pintor'

Na proposta de Camara Jr. (2006 [1970]), os exemplos em (1) e (2) caracterizam a presença de emissão nasal nos dois sistemas, no entanto, o autor ressalta que isso ocorre em condições fonológicas diversas nas duas línguas românicas em questão. Segundo ele, no PB inexistem vogais nasais puras ou lexicais, enquanto no FS as vogais nasais puras ou lexicais compõem o sistema.

Importante destacar que a hipótese de Camara Jr. não é uma unanimidade para a interpretação da nasalidade em vogais nos sistemas em alvo. Há autores, como Pontes (1972) para o PB e Costa e Freitas (2001) para o PE, que propõem que a nasalidade se manifeste como monossegmental /ṽ/ no português, assim como há aqueles que argumentam em favor de uma manifestação bissegmental /VN/ para a nasalidade no FS.

Os argumentos da literatura, para explicar a ocorrência monossegmental /ṽ/ ou bissegmental /VN/ no francês e no português, buscam subsídios na diacronia das línguas em questão, sobretudo em fatos da evolução histórica referente à produção de alvos exibindo nasalidade vocálica em francês (Carton, 1997; Tranel, 1987); na morfologia, em discussões relativas à flexão do gênero (masculino e feminino) e nos processos derivados que incluem prefixos em francês e português (Dell, 1973; Tranel, 1987; Shane, 1970; Camara Jr. [1970], 2006); e, na fonologia, por efeito do funcionamento da vibrante e do bloqueio do acento prosódico e dos procesos de sândi (Mateus; Andrade, 2000; Bisol, 2002).

A fonologia da nasalidade vocálica no PB

Estudos referentes à presença de /VN/ ou de /ṽ/ no PB demonstram uma tendência dos autores no sentido de assumir a hipótese bissegmental /VN/ para representar

a nasalidade vocálica (Camara Jr., 2006 [1970]; Bisol, 2002). No entanto, observa-se, também, a análise de que essas vogais podem se manifestar como /ṽ/ no sistema, conforme defende Pontes (1972).

Para Camara Jr. (2006 [1970]) e Bisol (2002), por exemplo, a nasalidade fonológica do PB (como a ilustrada em (1a)) resulta de uma estrutura VC. Os autores lançam mão de argumentos relacionados ao funcionamento da língua para consolidar suas posições, a saber: (i) a vibrante que cria oposições fonológicas entre vogais, ‘caro’-‘carro’, sempre se realiza como forte depois de consoante e depois da vogal nasalizada, ‘guelra’, ‘Israel’, ‘genro’, ‘honra’; (ii) não há hiato com vogal nasalizada, na formação de feminino, por exemplo, a nasal desaparece como em ‘boN’- ‘boa’ ou se realiza como ataque da sílaba seguinte, ‘valentoN’-‘valentona’; (iii) ocorre desnasalização do prefixo ‘in’ diante da líquida por efeito da assimilação, por exemplo, em ‘in + legal’ = ‘ilegal’.

A argumentação de Pontes (1972) não encontrou sustentação nos estudos de base estrutural sobre a fonologia do PB, uma vez que se baseia em um caso de nasalidade fonética que envolve a vogal pretônica de palavras como ‘c[a]minha’ (verbo caminhar), a qual pode ser produzida com ou sem nasalidade; e ‘c[ã]minha’ (diminutivo de ‘c[ã]ma’) sempre produzida com nasalidade, em razão da palavra base ‘cama’, que sofre uma regra sistêmica do PB, a qual prevê sempre o espriamento da nasalidade para a vogal tônica localizada à esquerda da consoante nasal.

Assim, o sistema fonológico de vogais em contexto de nasalização, no PB, segundo a perspectiva de Camara Jr. (2006 [1970]) e outros, adota o sistema pré-tônico das vogais orais + arquifonema nasal, apresentando duas vogais altas - /iN/, /uN/, duas médias-altas - /eN/, /oN/ e uma baixa, central e não-arredondada - /aN/, todas derivadas de uma sequência /VN/. É importante ressaltar que os fonólogos tendem a optar por um sistema vocálico mais enxuto, sete vogais orais em vez de doze (sete orais e cinco nasais).

A fonologia da nasalidade vocálica no FS

No FS a discussão relativa ao *status* fonológico da nasalidade vocálica não se faz de forma menos conflitante do que no PB. Mesmo havendo uma tendência da literatura a assumir a interpretação da nasalidade pura ou lexical no sistema, a hipótese que presume a ocorrência de uma manifestação bifonêmica também é aceita. Segundo Shane (1970), o sistema vocálico do francês não se caracteriza por possuir vogais nasais, mas sim uma vogal nasalizada que é decorrente de um conjunto constituído de vogal oral seguida de consoante nasal, tal como ocorre no PB. No entanto, Tranel (1987) argumenta em favor da existência de nasalidade pura ou lexical em francês.

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

O argumento de Shane (1970) sustenta-se na análise das ocorrências de nasalidade no léxico francês, nas alternâncias fonéticas entre vogal oral *versus* vogal nasal em algumas formas de substantivos, verbos e adjetivos. Nestes últimos, a alternância entre vogal oral e vogal nasal verifica-se na mudança do gênero. Os adjetivos femininos formam seu gênero por vogal nasalizada, enquanto os masculinos, por consoante nasal, como se exemplifica em 'fine' *vs.* 'fin', 'divine' *vs.* 'divin', 'pleine' *vs.* 'plein' e 'brune' *vs.* 'brun'.

Tranel (1987), por seu turno, busca evidências fundamentadas em um estudo contrastivo entre o sistema vocálico nasalizado do FS e o do inglês, bem como na diacronia da língua francesa, a fim de argumentar em favor da existência de nasalidade pura ou lexical no sistema do FS. O autor observa que não há vogal nasal lexical em inglês, porque nessa língua tais vogais não distinguem significado e não apresentam distintividade funcional entre si, mas isso ocorre em FS.

Seguindo a proposta de Shane (1970), cuja argumentação sustenta-se por análises do funcionamento fonológico do próprio sistema, a configuração da nasalidade no francês moderno apresenta, antecedendo a nasal, uma vogal média baixa, anterior e não-arredondada - /eN/, uma média baixa, posterior e arredondada /oN/ e uma baixa, central e não-arredondada - /aN/.

O registro gráfico da nasalidade vocálica no PB

As pesquisas de Miranda (2009, 2011, 2018), relativas à grafia de sílabas com consoante pós-vocálica, por crianças brasileiras em fase inicial do desenvolvimento da escrita, verificaram que a grafia de nasal pós-vocálica é aquela que maior dificuldade oferece às crianças. Com base em resultados de estudos de aquisição da fonologia (Matzenauer, 1990; Mezzomo, 2004), segundo os quais a produção de sílabas com nasalidade fonológica é muito mais precoce que a produção de estruturas CVC, a autora interpreta os resultados dos dados de escrita como decorrentes de diferenças representacionais entre estruturas CVN e CVC. De um modo geral, de acordo com Miranda (2011), a análise de um texto produzido no primeiro ano do fundamental mostra que a criança, ao escrever 'gigate' e 'vuado' em vez de 'gigante' e 'voando', não registra graficamente a consoante pós-vocálica, mas a ausência da grafia de róticas e fricativas nesta posição, como em 'larva' e 'pista', não é observada. Tais exemplos, sustentados por resultados relativos a uma amostra significativa de dados, são interpretados como indícios de que as crianças em fase inicial de escolarização tratam a sequência CVN diferentemente do modo como tratam as estruturas CVC, argumento que embasa a afirmação de que, no período inicial de aquisição da fonologia, apenas líquidas e fricativas ocupam a posição de coda, estando a nasal na posição de núcleo ramificado.

Consoante à proposta de Faraco (2001), a representação gráfica de vogais em contexto de nasalização no PB apresenta-se praticamente transparente para aqueles que estão adquirindo a escrita, uma vez que a representação básica para vogais nasalizadas no sistema são as letras ‘a’, ‘e’, ‘i’, ‘o’ e ‘u’ seguidas de ‘m’, quando a sílaba seguinte começa com ‘p’ ou ‘b’, ou de ‘n’, quando a sílaba seguinte começa com uma das demais consoantes.

O registro gráfico da nasalidade vocálica no FS

Os estudos de Pothier (2004) sobre a aquisição gráfica por crianças francesas apresentam dados em que as crianças, ao grafarem as vogais nasalizadas, suprimem a consoante nasal. Pothier (2004) explica que a oposição entre vogais orais e vogais nasalizadas reside no abaixamento do véu palatino e essa manifestação fonética e articulatória pode estar implicada na emergência de certos erros de transcrição gráfica pelas crianças. Um exemplo desse tipo de manifestação, segundo a autora, está no fato de se poder evidenciar, na escrita das crianças francesas, erros do tipo ‘patalon’ em vez de ‘pantalon’, que ilustram dificuldade de distinção entre o fone [a] e sua contraparte nasalizada [ã].

Catach (1995) explica que vogais em contexto de nasalização no FS são transcritas através da adição, logo em seguida da vogal oral - (a, e, i, o, u), de um ‘n’ ou de um ‘m’, diante de ‘m’, ‘b’ ou ‘p’, como em português. Pode-se, então, com base em Catach (1995), verificar que no sistema do francês, assim como no do português, o registro gráfico das vogais em contexto de nasalização apresenta contexto definido contextualmente no que tange à sua ortografia.

Procedimentos metodológicos

Os dados analisados foram produzidos por crianças monolíngues brasileiras e francesas – em aquisição de suas respectivas LMs – e por adultos falantes nativos de PB, aprendizes de FLE. À época das coletas⁴, as crianças brasileiras frequentavam regularmente a 1ª e a 2ª séries⁵ do Ensino Fundamental de uma escola pública brasileira e as crianças francesas estavam regularmente matriculadas nas séries CP e CEI, equivalentes a 1ª e 2ª

4 Relacionado à tese, intitulada *A grafia da nasalidade por alunos de FLE: uma discussão sobre a relação fonologia-ortografia* (Rombaldi, 2011), realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

5 Quando foram realizadas as coletas dos dados, o Ensino Fundamental ainda se constituía por oito séries. A ampliação do Ensino Fundamental para nove anos foi instituída pela Lei Federal nº 11.274/2006 e pela Emenda Constitucional 59/2009.

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

séries do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas francesas⁶. Os falantes nativos de PB aprendizes de FLE cursavam regularmente o 1º ano (1º e 2º semestres) e 2º ano (3º e 4º semestres) do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Português e Francês e respectivas Literaturas, de uma universidade pública brasileira⁷.

Os textos produzidos pelas crianças foram coletados por meio de oficinas de produção textual, cujo objetivo é a obtenção de textos espontâneos⁸. Para a análise, foram considerados 129 textos espontâneos, produzidos por crianças monolíngues brasileiras na 1ª série e 106, na 2ª série. Das crianças monolíngues francesas foram considerados 57 textos de CP (1ª série) e 35 de CEI (2ª série).

Após a coleta, os textos foram digitados e digitalizados. Procedeu-se, então, ao levantamento de dados, qual seja das grafias de palavras com contexto para a análise – as que continham registros gráficos não convencionais de vogais orais seguidas de consoantes nasais ‘n’ ou ‘m’⁹.

Os dados produzidos pelos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, por sua vez, advêm de dois ditados controlados¹⁰. Consideraram-se, para a análise, 26 ditados produzidos pelo FLE 1º ano e 6, pelo FLE 2º ano. As palavras dos ditados foram registradas em áudio, por um falante nativo de FS, para o primeiro ditado, vocábulos isolados e, para o segundo, vocábulos contextualizados em frases, todos contendo os fones [ɛ̃], [ã̃] e [õ̃]. A tarefa demandada aos alunos aprendizes de FLE, falantes nativos de PB, era a de registrar ortograficamente os vocábulos selecionados nas lacunas reservadas à grafia da palavra. A seguir, em (3) e (4), exemplificam-se algumas palavras controladas nos ditados.

6 Os textos das crianças integram o Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita, o BATALE (Miranda, 2001).

7 Importante destacar que os adiantamentos de 1ª e 2ª séries para as crianças monolíngues, brasileiras e francesas, e os de 1º e 2º anos para os aprendizes de FLE foram intencionalmente estabelecidos. Dessa forma, os três grupos foram limitados a dois anos acadêmicos de exposição à escrita ortográfica dos sistemas linguísticos em alvo. Esse procedimento buscou apoio teórico em pesquisas na área de aquisição da escrita, tais como as de Abaurre (1988) e Miranda (2007, 2011), as quais demonstram que os erros de grafias da nasal se concentram nas séries iniciais, especialmente nas 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental.

8 Consideram-se produções espontâneas as escritas produzidas a partir de oficinas de produção textual, sem interferência do professor na resolução de possíveis dúvidas pelas crianças.

9 Importante referir que, para a análise, foram selecionadas as grafias não convencionais que apresentavam as vogais em contexto de nasalização em posição medial de sílaba. O critério para a seleção foi baseado no fato de haver divergência em relação à produção dessas vogais na posição final nos dois sistemas: no PB são produzidas como ditongos nasais, enquanto no FS como vogais nasais.

10 Optou-se pelos ditados controlados por dois motivos: primeiro porque há relatos na literatura sobre o uso de estratégias de evitação, as quais são largamente empregadas pelos escreventes em situações de produção espontânea (Cornaire, 1998); segundo, porque era necessário que os contextos relevantes para o estudo fossem fartamente encontrados.

(3) Palavras isoladas

_____ (*rondeurs*)
 _____ (*infusoire*)
 _____ (*presumptueuse*)

(4) Palavras controladas em frases

Les _____ de la jeune fille déplaisent à son amoureux. (*rondeurs*)
 L' _____ : c'est un organisme vivant unicellulaire. (*infusoire*)
 Elle est _____ cette fille! (*presumptueuse*)

Desse modo, como se procedeu com os dados das crianças monolíngues, das palavras grafadas pelos adultos brasileiros aprendizes de FLE, executou-se o levantamento dos registros gráficos não convencionais de vogais em contexto de nasalização – os que se encaixavam nos requisitos para a análise, anteriormente explicitados.

Por fim, calcularam-se os percentuais gerais de registros não convencionais produzidos pelas crianças monolíngues e pelos adultos, para cada uma das categorias de análise, a saber: i) **omissão da consoante nasal 'n' ou 'm'**¹¹ – dados que apresentavam registro da vogal oral e omissão da consoante nasal 'n' ou 'm'; ii) **mudança na grafia da vogal oral** – dados que apresentavam registro da consoante nasal 'n' ou 'm' e troca da qualidade da vogal oral; e iii) **híbridos** – dados que apresentam omissão da consoante nasal 'n' ou 'm' e mudança da qualidade da vogal oral, simultaneamente. Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o *software* R¹², gerando-se o limite máximo de probabilidade de erro ($p \leq x$) para as diferenças observadas. O teste foi realizado através do cálculo do valor *p*, por meio de um *script* adaptado de Labtrop¹³.

Assim, procedeu-se tratamento estatístico para as seguintes categorias¹⁴: (i) omissões da consoante nasal 'n' ou 'm', produzidas por crianças monolíngues brasileiras e francesas e (ii) mudanças na grafia da vogal oral, produzidas por crianças monolíngues brasileiras e francesas, ambas na 1ª série.

À vista disso, a seguir, apresentam-se os dados, seguidos pela interpretação, baseada na discussão e nos procedimentos anteriormente expressos.

11 Não é controlado o [ŋ], porque nas duas línguas há representação ortográfica distinta para esse fone. Em FS [ŋ] é ortografado como 'gn' e em PB como 'nh'.

12 *Software* aberto, livre e gratuito. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

13 Disponível em: http://labtrop.ib.usp.br/doku.php?id=cursos:ecor:02_tutoriais:tutorial6:start. Acesso em: 06 nov. 2023.

14 As categorias foram selecionadas, porque atendiam as condições para o teste, ou seja, apresentavam diferenças na amostra.

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

Descrição e discussão dos dados

Doravante, as produções das crianças brasileiras e francesas são apresentadas por intermédio de exemplos e são comparadas entre si. Já as dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB são apresentadas e comparadas às das crianças monolíngues, a fim de que se possa discorrer mais detidamente sobre a ideia de que a compreensão de um sistema alfabético de escrita, como o do PB e o do FS, pode promover ajustes nas representações fonológicas de vogais em contexto de nasalização. Tais ajustes já terão ocorrido nas representações de aprendizes de FLE, uma vez que passaram pelo processo de escolarização em sua LM.

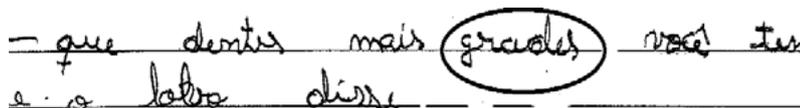
As grafias não convencionais produzidas por crianças monolíngues brasileiras

Nos dados produzidos pelas crianças monolíngues brasileiras, foram encontrados 77 erros na grafia de vogais em contexto de nasalização. Desses 77 registros, 55% (42) foram produzidos por crianças de 1ª série e 45% (35) por alunos de 2ª série.

Alguns exemplos ilustrativos de registros não convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras, os quais revelaram omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos, são apresentados em (5a, 5b e 5c).

(5a) Omissão de consoante 'n' ou 'm':

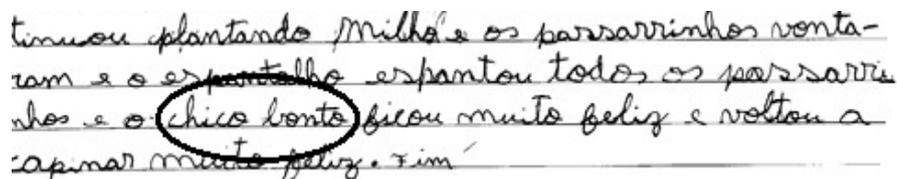
grades' em vez de *grandes*:



— que dentes mais grades você tem
e o lobo disse —

(5b) Mudança na grafia da vogal

'Chico Bonto' em vez de *Chico Bento*:



tinhou plantando milho e os passarinhos vanta-
ram e o chico bonto espantou todos os passari-
nhos e o chico bonto ficou muito feliz e voltou a
capinar muito feliz e sim'

(5c) Híbridos

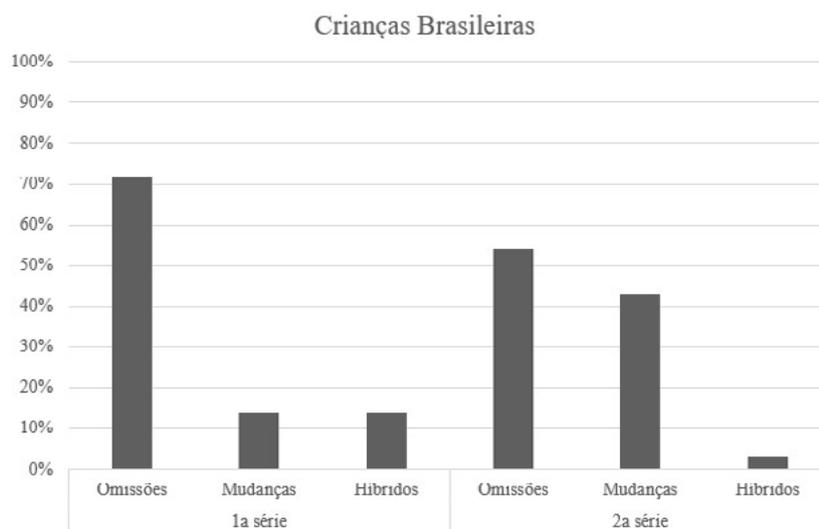
'codo' em vez de *quando*:

*raim é deve que pagos um moto
e codo ela estava chegada é e
a chover e ela correu é pe*

Em (5a), quando a criança escreve '*grades*' em vez de *grandes*, omitindo a consoante nasal 'n', porém mantendo a vogal oral 'a', produz um dado que revela omissão da consoante responsável por representar a nasalidade. Em (5b), ao escrever '*Chico Bonto*' em vez de *Chico Bento*, não há omissão da consoante nasal, mas há, no entanto, mudança de 'o' para 'e', condizente à categoria mudança na grafia da vogal. Por último, em (5c), ao escrever '*codo*' em vez de '*quando*', a criança, simultaneamente, omite a consoante nasal e muda a vogal, grafando 'o' em vez de 'a', produzindo, desta forma, um dado híbrido.

A seguir, apresenta-se a Figura 1, por intermédio da qual pode-se visualizar de forma objetiva a distribuição dos dados de grafias não convencionais produzidas por crianças monolíngues brasileiras, de acordo com as categorias adotadas para a análise dos dados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos, nas 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental.

Figura 1. Frequência da distribuição dos dados gráficos não convencionais produzidos por crianças monolíngues brasileiras de acordo com os procedimentos adotados



Fonte: Elaboração própria

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

No que concerne à distribuição desses dados nas categorias de análise, dentre os 42 produzidos pela 1ª série, 72% (30/42) foram de omissões de consoantes 'n' ou 'm', 14% (6/42) de mudanças na grafia da vogal e 14% (6/42) híbridos. No total de dados encontrados na 2ª série – 35, 54% (19/35) referem-se a omissões de consoantes 'n' ou 'm', 43% (15/35) a mudanças na grafia da vogal e 3% (1/35) a híbridos.

Por meio da Figura 1, é possível observar que os dados produzidos por crianças monolíngues brasileiras apresentam frequências mais elevadas de omissões de registros das consoantes 'n' ou 'm', como apresentado em (5a) – 'grades' em vez de *grandes*, que os demais tipos de dados, mudança na grafia da vogal e hibridismos, conforme em (5b) 'Chico Bonto' em vez de *Chico Bento* e (5c) – 'codo' em vez de *quando*, respectivamente. Pode-se ainda observar que ocorre maior frequência de mudanças da qualidade vocálica com manutenção da consoante nasal na 2ª série, comparativamente à 1ª série.

O comportamento mostrado por intermédio da Figura 1, ou seja, o de haver maior ocorrência de omissões de consoantes nasais na 1ª série, vai ao encontro da ideia defendida por Abaurre (1988), de que a incidência de erro na grafia das sequências CVN mostra o caráter contraintuitivo do registro gráfico da vogal nasal no PB (vogal oral + consoante nasal) para crianças em aquisição da escrita da LM.

Para a autora, os erros observados indiciam uma nasalidade fonológica que parece ter realidade monosssegmental \ṽ\ para a criança. O estranhamento causado pela diferença entre representação fonológica e representação ortográfica seria a causa de a criança, quando solicitada a grafar alvos com vogais em contexto de nasalização, produzir erros que têm como resultado omissões da consoante nasal. Abaurre (1988) explica, ainda, que a criança teria tendência a registrar na escrita a nasalidade em vogais de acordo com estruturas monosssegmentais na fonologia por um único segmento, em geral, pelo segmento vocálico oral.

Relativamente a esta questão e à semelhança de Abaurre (1988), Costa e Freitas (2001) assumem que as crianças falantes de PE parecem partir de um sistema \ṽ\ na fonologia, pois as estratégias de reparo que envolvem vogais nasais, em seus estudos, se restringem à produção de vogais orais, qual seja, V[nasal] passa para V[oral], como ilustram dados tais como, 'bombons' /bõ'bõj/ que emerge como [bo'boj] e em 'dente' /'dêti/ que emerge como ['tet^hi] – o que lhes serve de suporte para defenderem a existência de vogais nasais lexicais nas produções iniciais portuguesas de alvos contendo vogais nasais.

Desta forma, os dados de escrita produzidos por crianças monolíngues brasileiras, expressos no presente estudo, conduzem a convergências com estudos sobre a aquisição fonológica precoce da nasalidade. Nos dados de escrita espontânea inicial, produzidos

por crianças brasileiras, o apagamento da nasalidade é o fenômeno mais frequente (cf. exemplo em 5a). Diz-se isso com base nas diferenças dos percentuais de ocorrência dos dados que materializam omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e hibridismos, produzidos nas 1ª e 2ª séries, conforme Figura 1.

Em (5b), dados que conservam a consoante nasal, mudando apenas a qualidade da vogal oral, são os que têm acréscimo da 1ª a 2ª série. Esse aumento de frequência traz evidências de que as crianças, na 2ª série, podem estar tratando as vogais em contexto de nasalização como sendo constituídas por dois segmentos, uma vez que tais dados seriam condizentes com estruturas /VN/, diferentemente do que acontece na 1ª série, em que as crianças, ao omitirem a consoante nasal, dão indícios de lidarem com um segmento apenas: \ṽ\.

As ocorrências de hibridismos (cf: exemplos em 5c) reforçam a afirmativa anterior, já que, ao compararem-se os resultados das duas séries analisadas, é possível observar a diminuição de erros desse tipo, o que pode ser mais um indicativo de que o avanço escolar parece levar a uma representação bifonêmica /VN/ para a nasalidade. Assim, a estrutura condizente com bissegmentos /VN/, de acordo com o exemplo expresso em (5b) – 'Chico Bonto' em vez de *Chico Bento*, pode estar relacionada ao avanço das crianças nas práticas escritas proporcionadas pela escolarização. Esse fato vai ao encontro da ideia de uma representação /ṽ/ nos dados da 1ª série, os quais correspondem a uma escrita alfabética inicial, e de uma representação /VN/ nos da série mais adiantada, consubstanciando o pressuposto de que as grafias não convencionais das crianças brasileiras podem indicar que há um processo de reestruturação fonológica, uma espécie de ajuste das representações acerca da nasalidade em vogais: em um primeiro momento /ṽ/ e subsequentemente /VN/.

O comportamento exibido na Figura 1 sinaliza, assim, uma tendência à representação da vogal nasal como monofonêmica no início do processo de aquisição da escrita pelas crianças monolíngues brasileiras, para em momento subsequente, após contato mais intenso com as práticas de letramento promovidas pela escolarização, ajustarem essas sequências fonológicas monossegmentais em sequências bissegmentais, congruentes com a representação ortográfica dessas vogais na escrita, ou seja, vogal oral + consoante nasal.

As grafias não convencionais produzidas por crianças monolíngues francesas

Nos dados produzidos pelas crianças francesas, foram encontrados 51 erros para a grafia das vogais em contexto de nasalização. Desses 51 registros, 41% (21 dados) foram produzidos por crianças de CP (1ª série) e 59% (30 dados) por alunos de CE1 (2ª série).

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

Alguns exemplos ilustrativos, em (6a, 6b e 6c), de registros não convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas revelaram omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos.

(6a) Omissão de consoante 'n' ou 'm'

'rancodre' em vez de *rencontre*:

Le petit chatpeco rouge para de sa maison. Elle rancodre le loue dans la forêt le loue dit au petit chatpeco

(6b) Mudança na grafia da vogal

'prondre' em vez de *prendre*:

galere le leur dieu coi tu nea prondre se chemin le

(6c) Híbrido

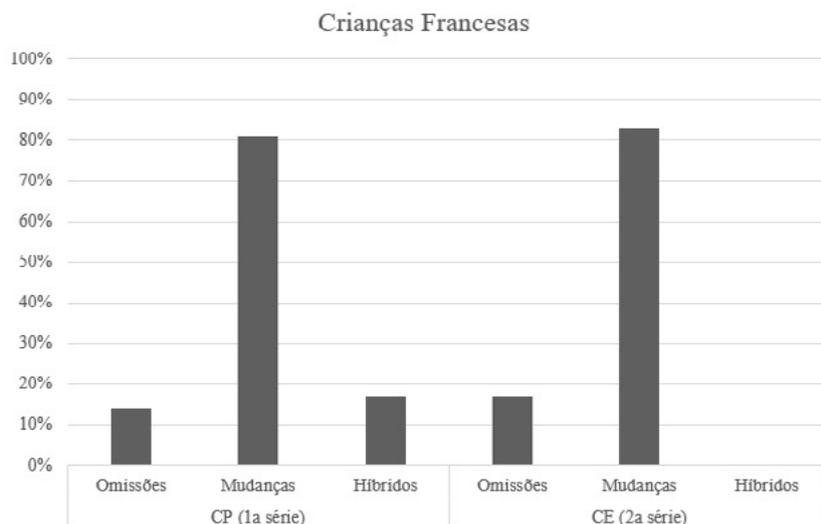
'troseform' em vez de *transforme*:

magie et d'un cou le flasquete mafe elle troseform le chat en chat plus

Em (6a), quando a criança escreve 'rancodre' em vez de *rencontre*, omitindo a consoante nasal 'n', porém mantendo a vogal oral 'o', produz um dado que revela omissão de consoante 'n' ou 'm'. Em (6b), ao escrever 'prondre' em vez de *prendre*, não há omissão da consoante nasal 'n', entretanto, há mudança na qualidade da vogal e, em vez de 'o', tem-se a grafia de 'e'. Por último, em (6c) ao escrever 'troseform' em vez de *transforme* a criança utiliza duas estratégias, omite a consoante nasal 'n' e muda a vogal de 'a' para 'o', simultaneamente, produzindo um dado híbrido.

A seguir, apresenta-se a Figura 2, por intermédio da qual pode ser visualizada a frequência da distribuição dos dados gráficos não convencionais, produzidos por crianças monolíngues francesas, de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos.

Figura 2. Frequência da distribuição dos dados gráficos não convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas de acordo com os procedimentos adotados



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à distribuição desses dados dentro das categorias de análise utilizadas, nos 21 produzidos pela CP (1ª série), 14% (3/21) foram de omissões de consoantes 'n' ou 'm', 81% (17/21) de mudanças na grafia da vogal e 17% (5/21) híbridos. No total de dados encontrados na CEI (2ª série) – 30, 17% (5/30) são relativos a omissões de consoantes 'n' ou 'm', 83% (25/30) a mudanças na grafia da vogal e não foram encontrados dados classificados como híbridos.

Na Figura 2, é possível observar que os dados produzidos por crianças monolíngues francesas apresentam frequências mais elevadas na categoria mudança na grafia da vogal, como o apresentado em (6b) – 'prondre' em vez de *prendre*, que nas demais categorias – omissões das consoantes 'n' ou 'm' e hibridismos, como os apresentados em (6a) e (6c), respectivamente, tanto no que concerne às produções realizadas por alunos do CP (1ª série) quanto àquelas realizadas por alunos do CEI (2ª série).

O que se observa na Figura 2 é uma tendência oposta àquela observada nas produções de tais vogais no PB como LM, conforme mostrado por intermédio da Figura 1, pois as crianças brasileiras, quando solicitadas a grafar a nasalidade fonológica na série inicial, lançam mão de procedimentos que resultam, em maior frequência em apagamento da consoante nasal. As mudanças na grafia da vogal com manutenção das consoantes nasais 'n' ou 'm', nas produções das crianças brasileiras, só aumentam na 2ª série, enquanto nos dados das crianças francesas atingem índices bem mais altos desde o primeiro estágio de escolarização analisado.

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

A tendência observada na Figura 2 indicia que o registro ortográfico para a nasalidade das vogais, que, assim como em português, é sempre realizado por meio da utilização de mais de um caractere, não parece ser um processo contraintuitivo para as crianças francesas em fase de aquisição da escrita do FS como LM. As crianças francesas produzem pouquíssimos dados em que se observam omissões e hibridismos, como os exemplificados em (6a) – ‘rancodre’ em vez de *rencontre* e (6c) – ‘troseform’ em vez de *transforme*, na série inicial CP (1ª série). Dados desse tipo seriam compatíveis com estruturas monossegmentais e consubstanciariam as propostas que defendem a ideia de representações monofonêmicas, aventada para as crianças brasileiras. A Figura 2 mostra, ainda, que as mudanças na grafia da vogal têm, praticamente, a mesma frequência nos dados produzidos por crianças do CP (1ª série) do que aqueles produzidos por crianças do CEI (2ª série). Esse fato pode ser interpretado como mais um indicativo de que as crianças francesas são sensíveis à nasalidade bifonêmica das vogais no FS desde o início de seus contatos com as práticas escritas da LM. Elas registram as vogais em contexto de nasalização por intermédio de vogal oral + consoante nasal ‘n’ ou ‘m’, estrutura compatível com bissegmentos (/VN/) na fonologia.

A análise estatística, realizada com dados de omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’ de crianças monolíngues brasileiras e francesas, encontrou evidências estatísticas para se afirmar que as crianças brasileiras têm mais omissões nas 1ª séries, em se comparando com as francesas, pois mostrou que as diferenças são significativas, ($p=0,007$, com nível de significância 0,05). O mesmo ocorreu com os dados relativos às mudanças na grafia da vogal oral, produzidos por crianças monolíngues brasileiras e francesas na série inicial, para os quais a rodada estatística evidenciou ($p=0,007$, com nível de significância 0,05), consubstanciando o fato de que as crianças brasileiras produzem mudanças na grafia da vogal oral em menor quantidade que as francesas, nesta etapa de escolarização. As evidências estatísticas corroboram, assim, a tendência observada, ao se compararem dados produzidos pelas crianças monolíngues francesas e brasileiras na 1ª série, uma vez que ratificam o expresso nas Figuras 1 e 2.

As grafias não convencionais produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB

No total de dados produzidos pelos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, foram encontrados 202 registros desviantes para as vogais em contexto de nasalização. Desses 202 registros, 88% (178) foram produzidos pelo FLE 1º ano¹⁵ e 12% (24) pelo FLE 2º ano¹⁶.

15 Tempo de exposição à língua equivalente ao da 1ª série para as crianças monolíngues.

16 Tempo de exposição à língua equivalente ao da 2ª série para as crianças monolíngues.

Alguns exemplos ilustrativos de registros gráficos não convencionais produzidos por brasileiros aprendizes de FLE, os quais revelaram omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos, são apresentados em (7a, 7b, 7c).

(7a) Omissão de consoante 'n' ou 'm'

'presotuose' em vez de *presompteuse*:

MON
 RONDER
 ALONGEZ
 PRESOTUOSE

(7b) Mudança na grafia da vogal

'randeur em vez de *rondeur*:

mem
 randeur
 alonge
 presompteuse

(7c) Híbrido

'afusoi' em vez de *infusoire*:

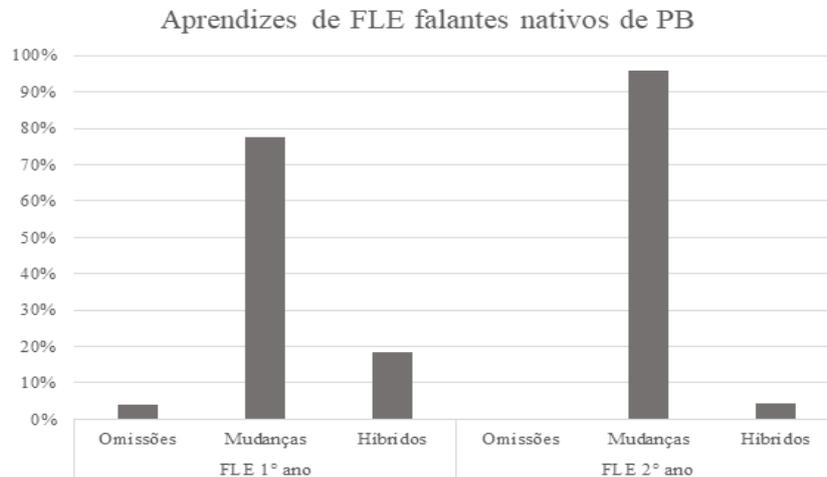
afusoi : c'est un mot presque synonyme de bague.
 Afusoi : c'est un organisme vivant unicellulaire.

Em (7a), quando o aluno escreve 'presotuose' em vez de *presompteuse*, omitindo a consoante nasal 'm', porém mantendo a vogal oral 'o', produz um dado que revela apenas omissão de consoante 'n' ou 'm'. Em (7b), ao escrever 'prandeur' em vez de *prendre*, não omite a consoante nasal 'n', entretanto mantém a vogal oral, mudando sua grafia de 'e' para 'o', o que é condizente à categoria mudança na grafia da vogal. Por último, em (7c) ao escrever 'afusoi' em vez de *infusoire* o aprendiz de FLE omite a consoante nasal 'n' e muda a vogal oral de 'i' para 'a', simultaneamente, em um mesmo dado, produzindo um dado híbrido.

A seguir, apresenta-se a Figura 3, por intermédio da qual pode ser visualizada a distribuição dos dados de escrita não convencionais, produzidos por brasileiros aprendizes de FLE, de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal 'n' ou 'm', mudança na grafia da vogal e híbridos.

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

Figura 3. Frequência da distribuição dos dados gráficos não convencionais produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB de acordo com os procedimentos adotados



Fonte: Elaboração própria

Quanto à distribuição dentro das categorias de análise, nos 178 dados produzidos pelo FLE 1º ano, 4% (7/178) foram de omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’, 78% (138/178) de mudanças na grafia da vogal e 18% (33/178) híbridos. No total de dados encontrados no FLE 2º ano – 24, não foram encontradas omissões de consoantes ‘n’ ou ‘m’, 96% (23/24) mudanças na grafia da vogal e 4% (1/24) híbridos.

Na Figura 3, é possível observar que os dados produzidos por aprendizes de FLE falantes nativos de PB apresentam frequências mais elevadas de mudança na grafia da vogal, tanto no FLE 1º ano quanto no FLE 2º ano. As omissões de consoantes e os híbridos são produzidos em frequência bem menor. Se a Figura 3 for comparada à Figura 2, que mostra a frequência da distribuição dos dados gráficos não convencionais produzidos por crianças monolíngues francesas, de acordo com os procedimentos adotados: omissão de consoante nasal ‘n’ ou ‘m’, mudança na grafia da vogal e híbridos, pode-se visualizar comportamento semelhante em relação à grafia da nasalidade pelas crianças francesas e pelos aprendizes de FLE falantes nativos de PB.

Ao se comparar as Figuras 3 e 2, respectivamente – produções de brasileiros aprendizes de FLE e crianças monolíngues francesas, à Figura 1 – produções de crianças monolíngues brasileiras, observa-se que as produções das crianças brasileiras adotam comportamento distinto daquelas das crianças francesas e dos brasileiros aprendizes de FLE. Os dados das crianças brasileiras indicam que elas, provavelmente, ajustem as representações acerca das vogais nasalizadas, que seriam /ṽ/ no período inicial de seus

contatos com a escrita da LM, para, em momento posterior, serem /VN/ em decorrência da escolarização. Já os dados das crianças francesas indicam que elas parecem iniciar seus processos de escolarização com estruturas /VN/, igualmente aos dados produzidos por brasileiros aprendizes de FLE. Os dados dos adultos brasileiros parecem sugerir que eles, possivelmente, iniciam suas produções escritas na Língua Estrangeira (doravante LE), representando a nasalidade por /VN/, provavelmente, devido ao fato de terem passado pelo ajuste de /ṽ/ para /VN/, à época da aquisição da escrita da LM. Isso é interpretado como indício de serem semelhantes as representações da nasalidade de ambos os grupos, por reajuste para os brasileiros aprendizes de FLE e para as crianças monolíngues brasileiras, /ṽ/ que passa para /VN/, e /VN/ para falantes nativos de francês devido às características do sistema fonológico francês.

Essas evidências dão suporte à ideia segundo a qual as duas línguas constituem a nasalidade de forma distinta: o FS por /VN/ enquanto o PB por vogal nasal subjacentemente produzida, /ṽ/, em um primeiro momento do desenvolvimento fonológico, mas passam a compartilhar da mesma realidade representacional, isto é, uma realidade bifonêmica, após o contato dos falantes de português com o sistema de escrita de suas LM.

Considerações finais

Neste artigo, tomando-se por base registros não convencionais de vogais em contexto de nasalização no PB, no FS e no FLE, argui-se em favor da ideia segundo a qual o processo de aquisição da escrita, na medida em que avança, produz um reajuste nas formas fonológicas relativas à representação da nasalidade em vogais, em sistemas como o do PB.

Considerando-se a aquisição precoce da nasalidade durante o desenvolvimento fonológico e de acordo com os dados de escrita inicial, a ideia de uma estrutura monossegmental - /ṽ/ por parte das crianças brasileiras mostra-se pertinente, assim como a subsequente mudança, com os avanços das práticas escolares, para uma estrutura bissegmental - /VN/. Diante dessas evidências, argumenta-se que as crianças brasileiras, possivelmente, reestruturam /ṽ/ para /VN/ por influência do sistema de escrita da LM. No entanto, as produções gráficas das crianças francesas foram análogas às dos aprendizes de FLE falantes nativos de PB, o que é tomado como indicativo de que elas partem de uma estrutura /VN/. Os brasileiros estudantes de FLE, possivelmente, iniciem seus contatos com a escrita da LE, representando a nasalidade por /VN/, devido ao fato de terem passado pela reestruturação de /ṽ/ para /VN/, quando da aquisição da escrita da LM, e as crianças monolíngues francesas, por características do sistema fonológico francês.

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

Os dados analisados neste estudo trazem contribuição para as discussões sobre a representação da nasalidade vocálica, acrescentando aos resultados do desenvolvimento fonológico e às análises sincrônicas, ancorados em argumentos referentes ao sistema linguístico de ambas as línguas, dados de escrita inicial da LM e da LE. De fato, produções gráficas não convencionais, produzidas por aprendizes de FLE falantes nativos de PB, comparadas às produzidas por crianças monolíngues francesas e brasileiras, possibilitaram mostrar que os conhecimentos linguísticos sobre a fonologia da língua são capazes de subsidiar as escolhas gráficas dos aprendizes e, em uma via de mão dupla, ao se atualizarem no processo de aquisição da escrita, promover ajustes das representações fonológicas em alvos contendo vogais em contexto de nasalização.

Por fim, não se pode deixar de fazer referência à contribuição pedagógica com discussões que envolvem interfaces entre os campos da aquisição da escrita e da fonologia. Neste estudo, o dado gráfico não convencional aparece como elemento capaz de “revelar a estrutura subjacente, tornando-a visível” por meio dos registros escritos dos sujeitos (Miranda, 2009, p. 123), fornecendo pistas sobre a forma como as representações relativas à aquisição da escrita são construídas pelos aprendizes. O entendimento da trajetória do aluno na mobilização dos seus saberes e da aplicação destes na aprendizagem pode propiciar ao professor (seja de LM ou de LE) um melhor monitoramento das atividades discentes, bem como a construção de uma prática docente voltada para um ensino reflexivo (Rombaldi, 2011, p. 212).

Agradecimentos

O presente artigo integra pesquisa apoiada pelo CNPq – Processo 312387/2020-2 e 423038/2021-4.

Referências

ABAURE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. *In: II ENCONTRO SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM*, 2., 1992, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CEAAL/PUCRS, 1991. p. 5-49.

ABAURRE, M. B. The interplay between spontaneous writing and underslying linguistic representation. **European Journal of Education**. Dordrecht, v. 3, p. 415-430, 1988.

BISOL, L. Estudo sobre a nasalidade. *In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 2002. p. 501-535.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CARTON, F. **Introduction à la Phonétique du Français**. 1. ed. Paris: Dunond, 1997.

CATACH, N. **L' Orthographe Française**. 3. ed. Poitiers: Nathan, 1995.

CORNAIRE, C.; RAYMOND, P. **La production écrite**. 1. ed. Paris: Clé International. 1998.

COSTA, J.; FREITAS, M. J. Sobre a representação das vogais nasais em português europeu: evidências dos dados da aquisição. *In*: MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. **Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: aspectos fonético-fonológicos**. Pelotas: Alab/Educat, 2001. p. 87-107.

FARACO, C. A. **Escrita e Alfabetização**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DELL. F. **Les règles et les sons : introduction à la phonologie générative**. 1. ed. Paris: Hermann, 1973.

KATO, M.; MOREIRA. N.; TARALLO, F. **Estudos em Alfabetização**. São Paulo: Pontes, 1997.

MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. **The phonology of Portuguese**. Oxford: University Press, 2000.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. **Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos**. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

MEZZOMO, C. **Aquisição da coda medial no português brasileiro: uma análise via Teoria de Princípios e Parâmetros**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educação em Revista [online]**, v. 36, p. e221615, 2020.

MIRANDA, A. R. M. Aquisição da linguagem: escrita e fonologia. *In*: LAZZAROTO-VOLCÃO, C.; FREITAS, M. J. **Estudos em Fonética e Fonologia – coletânea em homenagem a Carmen Matzenauer**. Curitiba: CRV, 2018. p. 335-364.

- | *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita

MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. *In*: LAMPRECHT, R. **Aquisição da Linguagem**: estudos recentes no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 335-364.

MIRANDA, A. R. M. Os dados de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais do português. *In*: FERREIRA-GONÇALVES, G.; KESKE-SOARES, M.; DE-PAULA, M. R. B. **Estudos em aquisição fonológica**. Santa Maria: Pallotti, 2009. p. 111-130.

MIRANDA, A. R. M. A aquisição ortográfica das vogais do português–relações com a fonologia e a morfologia. **Revista de Letras**, p. 01-18, 2007.

MIRANDA, A. R. M. **BATALE**: Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2001. Disponível em: <http://sistemavestigios.org/>. Acesso em: 08 nov. 2021.

PONTES, E. **Estrutura do verbo no português coloquial**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

POTHIER, B. **Comment les enfants apprennent l'orthographe**: Diagnostic et propositions pédagogiques. 3. ed. Paris: Éditions Retz/VUEF, 2004.

ROMBALDI, C. R. M. **A grafia da nasalidade por alunos de FLE**: uma discussão sobre a relação fonologia-ortografia. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

ROMBALDI, C. R. M. A grafia de vogais em contexto de nasalização em Francês como Língua Estrangeira (FLE). *In*: MORESCO- MIRANDA, A. R.; CUNHA, A. P. N.; DONICHT, G. **Estudos sobre aquisição da linguagem escrita**. Pelotas: Ed. UFPel, 2017. p. 201-26.

SHANE, S. A. **French phonology and morphology**. 2. ed. Massachusetts: Copyright, 1970.

TRANEL, B. **The sounds of french**. New York: Cambridge University Press, 1987.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: ROMBALDI, Claudia Regina Minossi; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. *Insights* sobre a representação da nasalidade em francês e português a partir de dados de escrita. **Revista do GEL**, v. 20, n. 2, p. 245-266, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 09/08/2023 | Aceito em: 22/11/2023.
